

## Eventos humano-naturais e pseudossolidariedade: o avesso da promessa

*Natural events and human-pseudo-solidarity:  
the other side of the promise*

Jackson da Silva Leal\*

Raquel Fabiana Lopes Sparemberger\*\*

**Resumo:** O presente trabalho aborda a questão do meio ambiente e a modernidade ocidental-capitalista-consumidora que se pretende humanista. Tal relação tem produzido/contribuído de maneira decisiva para o desequilíbrio natural e tem gerado milhões de vítima anualmente por desastres humano-naturais. Faz uma análise eminentemente bibliográfica e crítico-reflexiva. Utilizando como paradigma os fatos ocorridos no Haiti e no Chile, no ano de 2010, bem como as ações humanitárias que se seguiram, e ainda, a fragilidade de tais ações tópicas, e a consequente ineficácia a médio e longo prazo, deixando tais grupos à mercê de seus azares e sofrimentos silenciosos. Para isso, apresenta-se o paradigma da modernidade tardia que se instala nos países abertos ao desenvolvimento desigual e combinado do Ocidente capitalista. Após, analisa-se o paradigma de cooperação e o da corresponsabilização modernos, baseados em um posicionamento político, econômico e social capitalista que produz uma diretiva ambiental degradante. Esta abordagem pretende-se como uma contribuição para o processo necessário de reflexão, visando à construção de um modelo contra-hegemônico.

**Palavras-chave:** Questão ambiental. Ação humanitária. Paradigma contra hegemônico.

**Abstract:** This paper addresses the issue of the environment and the modern Western-capitalist-consumer intended to be a humanist. This relationship has produced/contributed decisively to the natural balance and has generated millions

\* Graduado em Direito pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel). Advogado inscrito na OAB/RS 80.010. Mestrando em Política Social pela UCPel. Bolsista da Capes.

\*\* Graduada em Direito pela Universidade Regional do Nordeste do Rio Grande do Sul (Unijui). Advogada inscrita na OAB/RS. Mestre em Direito pela Universidade do Paraná (UFPR). Doutora em Direito pela UFPR. Pós-Doutora em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora na Graduação em Direito pela UCPel e FURG; e no Programa de Pós-Graduação em Política Social (UCPel); pesquisadora da Capes e CNPq.

of victims annually by human-natural disasters. It analyzes the literature and eminently critical and reflective. Using as paradigm the events in Haiti and Chile in 2010, as well as humanitarian action that followed, and also the fragility of such shares topical, and therefore inefficient in the medium and long term, leaving such groups at the mercy of hazards and their silent suffering. For this, we present the paradigm of late modernity that takes place in countries open to the uneven and combined development of the capitalist west. After it analyzes the paradigm of cooperation and shared responsibility for modern, based on a political, economic and social capitalist policy that produces an environmentally degrading. This approach is proposed as a contribution to the necessary process of reflection aimed at building a model counter-hegemonic.

**Keywords:** Environmental issue. Humanitarian action. Paradigm against hegemonic.

## Introdução

O presente trabalho traz uma reflexão em torno dos fatos ocorridos em 12 de janeiro de 2010, no Haiti, por volta das 16h53min (horário local), mais especificamente, nas proximidades da capital daquele país, Porto Príncipe, que foi atingida por uma sequência de tremores de terra, tendo o mais intenso atingido 7.0 na Escala Richter, e a comoção mundial que se seguiu.

O que redundou nas ações de solidariedade de países como o Brasil, os Estados Unidos da América e o bloco União Europeia, bem como de exemplos individuais como de ícones do entretenimento (bilionários do cinema, da música e dos esportes) em ações para angariar doações. Todos solidarizados com os mais de 150 mil mortos, e mais de 3 milhões de desabrigados, além da total destruição daquele país, ou seja, a completa falta de estrutura, como de água potável, acesso a medicamentos e serviços de saúde, alimentação.

O Haiti é um país situado na América Central, com mais de 10 milhões de habitantes, dos quais mais de 50% residem em zona rural. País no qual apenas 58% da população tem acesso à água potável, 19% tem acesso à rede sanitária, e 58% deles são afligidos pela subnutrição.<sup>1</sup>

Ademais, tem um processo histórico marcado por períodos ditatoriais e governos provisórios, sem conseguir sedimentar o processo e a estrutura democráticos. Ainda: sofreu processos de transição sempre marcados pela

---

<sup>1</sup> Dados disponíveis em: <<http://www.ibge.gov.br/paisesat/main.php>>. Acesso em: 25 ago. 2010.

corrupção e revoltas internas. O último período conturbado ocorreu entre 1990 e 1994, quando viveu o mais recente golpe militar, só revertido e *resolvido* com o *auxílio* dos Estados Unidos, em 2004. Mesmo assim, o ciclo de violência, corrupção e miséria não foi rompido, e a situação não se pacificou, ficando o país submerso constantemente em revoltas internas de opositores que ameaçam tomar novamente o poder, tendo, assim, a necessidade de intervenção por parte da Organização das Nações Unidas (ONU).

O Haiti é conhecido como o terço ocidental das ilhas do Caribe, país que mais se abriu ao modo de vida ocidental e a seus traços característicos, deixando seus elementos culturais mais marcantes no tempo e como folclore, jogando-se na tentativa de desenvolvimento globalizado.

Os dados históricos e atuais referentes à situação socioeconômica encadeada às análises que se propõe, ganham um novo e renovado sentido, juntamente com a situação atual que foi instalada e as intervenções e influências externas que se seguirão a essa trágica situação. Permite, assim, uma ampla e profunda análise acerca do modo de vida ocidental para países que não estão materialmente no jogo do desenvolvimento, mas que, no entanto, não deixam de fazer parte (ou seriam vítimas?) dos reflexos perversos que esse modelo proporciona e potencializa.

Após as ocorrências do dia 12 de janeiro de 2010, seguidas de toda a cobertura midiática da situação que se instalou no país, pôde-se verificar a solidariedade burguesa que se manifestou ante a comoção geral. E é acerca dessa solidariedade, fugaz e temporária, que se debruça a presente análise, não com a pretensão de propor uma solução, sequer de desconsiderar a parcela de importância que a ajuda dessa solidariedade tem para com aquela nação nesses momentos, mas o quanto essa é frágil e se desvanece com o tempo (cada vez menor), ou com qualquer outro evento, não menos importante ou trágico, mas simplesmente posterior e atrativo de atenção, fazendo com que as atenções se voltem para outra direção, para que as pessoas sigam com seus sofrimentos silenciosos e sem perspectiva.

Outro caso, em que a cadeia de eventos em muito se assemelha aos acontecimentos do Haiti, foram os terremotos que abalaram o Chile em 27 de fevereiro de 2010. Um terremoto de magnitude 8,8 na Escala Richter atingiu o centro-sul chileno e teve seu epicentro a 320 quilômetros ao sul da Capital Santiago, e 91 quilômetros ao norte de Concepción, uma das

regiões mais atingidas. Horas depois, um segundo tremor de magnitude 6,2 atingiu a mesma região.<sup>2</sup>

As ocorrências no Chile revelaram uma triste comunhão de coincidências. Ainda que o evento natural tenha sido mais intenso, não teve um desfecho tão trágico quanto no Haiti, tendo em vista que o Chile é um país com estrutura incomparavelmente superior. Ainda assim, se viu em situação de colapso, numa verdadeira guerra civil por alimentos, água e combustível.

Mas o que se quer salientar, no que diz respeito às semelhanças entre os países, é sua formação recente. As duas nações, ainda que possa parecer um elemento totalmente inútil, mas serve a título de comparação, são coloridas pelo azul e vermelho, assim como são as cores do seu mentor político-cultural. E ainda: parece que as cores de suas bandeiras não são a única semelhança.

O Chile é conhecido por ser o país que adotou fielmente a agenda americana/ocidental de desenvolvimento, o que lhe permitiu assumir a primeira posição econômica na América Latina no alvorecer do século XXI. Tem sua história, como a dos outros países sul-americanos, marcada por uma das mais severas ditaduras militares, comandada pelo Gal. Pinochet, que deixou marcas profundas em sua população, visíveis numa singela passagem pelas ruas de Santiago (capital) onde salta aos olhos a presença da bandeira chilena na frente de cada casa, em cada janela, na dianteira dos carros, como se fosse uma obrigação de patriotismo, uma herança totalitária de uma ditadura que só terminou com a *ajuda dos amigos americanos*, e que ainda não conseguiu ser superada.

Procura-se, com isso, demonstrar o quanto a simples reflexão pode operar mudança de hábitos e ações conscientes, em busca de uma solidariedade verdadeira e duradoura, e não com prazos de validade determinados pelos veículos midiáticos.

Dessa forma, com auxílio de referencial eminentemente teórico-bibliográfico, mas, sobretudo calcados em reflexões acerca do que é absorvido pelos sentidos diariamente, procura-se instigar uma reflexão, que pode ser um elemento imprescindível para se objetivar uma modificação na sociabilidade, na postura e no pensamento individual e na consciência

---

<sup>2</sup> Informações disponíveis em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/02/100227\\_terremoto\\_chile.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/02/100227_terremoto_chile.shtml)>. Acesso em: 25 ago. 2010.

coletiva. Busca-se uma simples prática reflexiva para uma mudança social indistinta e sem fronteiras. Assim, conforme a contribuição de Antônio Negri e Michael Hardt,

a primeira é crítica e desconstrutiva, visando a subverter as linguagens hegemônicas e as estruturas sociais e, desse modo, revelar uma base ontológica alternativa que reside nas práticas criadoras e produtivas da multidão; a segunda é construtiva e ético-política, buscando conduzir os processos da produção de subjetividade para a constituição de uma alternativa social e política, um novo poder constituinte. Nossa abordagem crítica se ocupa da necessidade de uma verdadeira desconstrução ideológica e material da ordem imperial. No mundo pós-moderno, o espetáculo dominante do Império é construído por meio de uma variedade de discursos e estruturas de autolegitimação. (2006, p. 66-67).

Assim, se busca o rompimento com a lógica da subalternidade assumida pelos países subdesenvolvidos e em desenvolvimento (utilizando uma categoria império-capitalista) e a construção de uma via alternativa construída pelos próprios envolvidos.

### **A modernidade tardia**

No primeiro ponto deste trabalho, far-se-á uma abordagem do paradigma da modernidade ocidental vigente. Entretanto, não se pretende retomar toda a discussão acerca de seu processo de construção e sedimentação, tendo em vista que já foi suficientemente trabalhado, portanto, pretende-se evitar repetições desnecessárias.

Desta feita, tal abordagem se apresenta, a partir de uma brilhante metáfora utilizada por Zygmunt Bauman (2005) retomando as cidades invisíveis de Ítalo Calvino. As sociedades constituídas em Aglaura e Leônia, metaforicamente, servem de paradigma para a análise que se pretende apresentar acerca do *modus vivendi* da sociedade/mercado de consumo. Serão elas o guia e a ligação cognitiva para o esforço reflexivo que este texto propõe.

Nesse sentido, assevera Bauman acerca da sociedade aglauriana:

E assim, abrigados em segurança pelas muralhas da cidade, feitas de histórias sempre repetidas, da mesma forma que os baluartes de algumas cidades são feitos de pedra, os aglaurianos vivem numa Aglaura que cresce apenas com o nome Aglaura, sem notarem a Aglaura que cresce sobre o solo. Como poderiam, na verdade, comportar-se de outro modo? Afinal, a cidade de que falam tem a maior parte daquilo de que se necessita para existir, enquanto a cidade que existe em seu lugar existe menos. (2005, p. 7).

O autor segue, ainda, apresentando Leônia, refere:

A cada manhã eles vestem roupas novas em folha, tiram latas fechadas do mais recente modelo de geladeira, ouvindo *jingles* recém-lançados na estação de rádio mais quente do momento. Mas a cada manhã as sobras de Leônia de ontem aguardam pelo caminhão do lixo, e um estranho como Marco Pólo olhando, por assim dizer, pelas frestas das paredes da história de Leônia, ficaria imaginando se a verdadeira paixão dos leonianos na verdade não seria o prazer de expelir, descartar, limpar-se de uma impureza recorrente. (2005, p. 7-8).

Qualquer semelhança entre as sociedades fictícias trazidas por Bauman e o vigente paradigma político-social (des)regulatório (não) é mera coincidência. O paradigma de uma política emancipatória foi dissipado pela liberdade *de jure* e o eterno processo/esforço de pertença na sociedade de mercado livre.

Este trabalho parte da análise do paradigma da modernidade, entendida desde a retomada neoliberal e sua sociabilidade posta à venda através da intensificação dos fluxos globalizantes hegemônicos. Para este trabalho e neste ponto em específico, importa ressaltar algumas características imanentes desse modelo societário.

Em primeiro lugar, o consumismo, categoria trabalhada por Zygmunt Bauman (2008b), significa mais do que a soma dos indivíduos consumidores: uma ideologia que se movimenta e toma forma a partir do

seu processo de naturalização como um todo imaginário e que se torna um corpo uno. Nesse sentido, para o autor,

se um *consumidor de jure*, é para todos os fins práticos, o fundamento não jurídico da lei, já que precede todos os pronunciamentos legais que definem e declaram direitos e obrigações do cidadão. Graças aos alicerces estabelecidos pelos mercados, os legisladores já são consumidores experientes e consumados: onde quer que interesse, podem tratar a condição de consumidor como um produto da natureza, e não como um construto jurídico – como parte da natureza humana e de nossa predileção inata que todas as leis positivas são obrigadas a respeitar, ajudar, obedecer, proteger e servir; como aquele direito humano primordial que fundamenta todos os direitos do cidadão, os tipos de direitos secundários cuja principal tarefa é reconfigurar esse direito básico, primário, sacrossanto, e torná-lo plena e verdadeiramente inalienável. (2008 b, p. 83).

Nesse sentido, o que a modernidade ocidental e hegemônica concede com uma mão, hipoteca e retira com a outra. Produzindo a fetichização do consumo, impossibilita qualquer possibilidade de produção de alteridade. O consumo transformou as identidades em ciclos e sucessões cada vez mais velozes de desejo e satisfação (sempre incompleta).

Uma segunda característica que se gostaria de apontar é a fragmentação social, justamente por estar vinculada ao processo de liberalização individual por direito (e não passando disso).

Como enfatiza Bauman (2000), a modernidade líquida colocou à disposição dos indivíduos uma liberdade sem igual, uma liberdade na qual nenhum indivíduo precisa de ninguém, pois tem ao seu alcance os produtos, as identidades e as crenças de que necessita. Mas é claro que esse alcance depende de um pré-requisito: fazer parte da sociedade de consumidores.

Nessa seara, para Bauman,

seria possível dizer que o mais considerado, criticado e insultado oráculo de Jean-Jacques Rousseau – o de que as pessoas devem ser forçadas a ser livres – tornou-se realidade, depois de séculos, embora não na forma em que tanto os ardentes seguidores como os críticos severos de Rousseau esperavam que fosse possível. (2008 b, p. 97).

Com isso, ao passo que a liberdade foi concedida, outros elementos a acompanharam a partir da lógica liberal burguesa ocidental do neoliberalismo. Dois deles são o individualismo e a solidão, como coloca, ao iniciar a abordagem, utilizando-se de Marcuse: “O problema específico para a sociedade que cumpre o que prometeu era a falta de uma base de massas para a libertação” (apud BAUMAN, 2001, p. 23), tendo em vista que a liberdade foi concedida com o paulatino processo de fragmentação social e o esvaziamento da Política (com *P* maiúsculo), para que tal liberdade não se tornasse perigosa, mas sim lucrativa. Uma liberdade comprada em pílulas e colocadas à venda em cada esquina. É enfática a observação de Seabrook, citado por Bauman:

O capitalismo não entregou os bens às pessoas, as pessoas foram crescentemente entregues aos bens; o que quer dizer que o próprio caráter e sensibilidade das pessoas foi reelaborado, reformulado, de tal forma que elas se agrupam aproximadamente... com as mercadorias, experiências e sensações... cuja venda é o que dá forma e significado a suas vidas. (2001, p.100).

Nesse sentido, a liberdade moderna está associada à sociedade moderna e ao fim do social trabalhado por Alain Touraine (2007). Esse autor entende que o indivíduo já tem toda a liberdade que poderia conseguir, e a questão é: O que tem sido ele impelido a fazer com essa liberdade e que sociedade se está moldando a partir dessas liberdades?

Esse é o fim do social estando o indivíduo livre na sociedade de mercado, e só com a sociedade de mercado, tendo em vista o processo de esvaziamento da política e não apenas da política oficial, mas das instâncias de discussão política e, portanto, da sociedade como instituição social, de contato, de troca de experiência, de diálogo. Está cada indivíduo consigo mesmo ante a própria vida e seus problemas e tem, diante de si, um mercado de soluções prontas à venda.

Tal liberdade/necessidade de consumo produziu o que Bauman (2001) denomina de “estratificação social e política vida”, e essa é a terceira característica da modernidade que importa salientar para o presente trabalho.



Na política (com *p* minúsculo) na qual o público é esvaziado de questões que deveriam interessar a todos e preenchido com problemas privados e escândalos, que, ainda que alcancem tal espaço, continuarão a ser privados, devem ser solucionados nesse espaço, num processo de espetacularização da vida privada.

Essa é a dinâmica proposta pela modernidade líquida, ou neoliberalismo, a não existência de política ou de interesse público, a não existência de instâncias de discussão, ou, pelo menos, que as discussões não se tornem interesse e preocupação públicos.

Assim, Bauman (2008a) aborda a dinâmica política moderna, a partir de ensinamentos de Aristóteles, que diferencia a sociedade em três campos de atuação: o *oikos*, local das questões privadas, da privacidade, das demonstrações de individualidade; a *ecclesia*, onde ocorre a atuação puramente pública e onde são tomadas as últimas decisões – onde se faz a política (adotando aqui o sentido estrito e tradicional do termo); e a *ágora*, o setor intermediário, de intercâmbio, das conversações, onde as necessidades privadas são (ou pelo menos deveriam ser) publicizadas, local em que se deveria pensar a emancipação social, partindo da oitiva das necessidades sociais, individuais e comuns.

No dizer do próprio autor, “a *ágora* é a terra natal da democracia [...] reforjar problemas privados em questões públicas e redistribuir o bem-estar público em tarefas e projetos privados”. (BAUMAN, 2008a, p. 251-252).

Assim, os indivíduos modernos são tornados (forçadamente) livres para consumir e dem asiadamente ocupados para se integrar/permanecer na qualidade/pertença de consumidor/cidadão *de jure* no mercado democrático de consumo, não tendo tempo para se aproximar de ninguém, pois confia que sozinho pode e deve resolver seus problemas. Nessa linha de acontecimentos, o espaço da Política (*ecclesia*) se torna um espaço de egoísmos e interesses (*oikos*) além de destruir a ponte existente entre um espaço e outro (*ágora*).

Nesse contexto, se torna inviável a proteção/preocupação ambiental, tendo em vista que cada indivíduo está (e deve estar) preocupado unicamente com seu espaço de atuação, em comprar e fazer parte.

Assim, coloca o autor: “Agora, na era dos *desktops*, *laptops*, dispositivos eletrônicos e celulares que cabem na palma da mão, a maioria de nós tem uma quantidade mais do que suficiente de areia para enterrar a

cabeça” (BAUMAN, 2008b, p. 27), referindo-se ao fato moderno do isolamento individual através de suas redes cibernéticas.

Entretanto, tal paradigma de sociabilidade está a produzir/contribuir para uma quantidade de eventos, nos quais a terra e a água não irão soterrar/inundar as cabeças metaforicamente, mas literalmente, cobrando seu preço, tendo em vista o processo de desenvolvimento de cidades reais sob as cidades falaciosas que se erigiram a partir do discurso da abundância capitalista.

Nesse paradigma, como assevera Boaventura de Sousa Santos, “a esmagadora maioria da população que sofre as consequências da intensa destruição e da intensa criação social está demasiado ocupada ou atarefada com adaptar-se, resistir ou simplesmente subsistir, para sequer ser capaz de perguntar”. (SANTOS, 2003, p. 3).

Percebe-se um grande fosso entre a sociedade que se projeta discursiva, midiática mercadologicamente, e a sociedade que se tem produzido efetivamente. Essas situações estão tão distantes e para a grande maioria tão despercebidas ou ignoradas, que têm sido o grande catalizador dos processos de degradação natural e potencialização de processos naturais, que tem sofrido grande influência do modo de vida moderno, como se verá adiante.

### **A modernidade tarda, mas não falha...**

Nesse contexto, utilizando-se novamente de uma estratégia utilizada por Bauman (2005), o prefixo *des* significa patologia, dessa forma nesse ponto, se busca analisar os efeitos do paradigma consumista e fragmentário de viver moderno, o qual se entende por denominar de desambiente humano-natural.

Assim, nesse ponto do trabalho, pretende-se abordar alguns dos efeitos nefastos na natureza produzidos por processos humanos e que se vinculam a esse modo de vida, à dinâmica do mercado consumidor, ao sistema capitalista e, sobretudo, analisar as ações humanitárias que se sucedem quase como efeito reflexo e automático – seu fundamento e intervenção sobre a situação real das pessoas envolvidas em eventos *humano-naturais* desastrosos.

Assim, se apresentam algumas considerações e reflexões acerca dos fatos ocorridos no Haiti e no Chile, em janeiro de 2010, que consistiram

em tremores de terra que alcançaram 7.0 e 8.8 de magnitude na escala Richter, respectivamente, e um amontoado de 150 mil mortos e mais de 3 milhões de desabrigados no caso do Haiti.

Entretanto, o que ocupa este trabalho é a inquietude diante da cômoda e reconfortante explicação dada a tais ocorridos, ou seja, de residir na pura e simples força impetuosa da natureza, que não escolhe suas vítimas, atropelando-as a partir da aleatoriedade de seus acontecimentos.

Dessa feita, foi possível encontrar diversas justificativas e teorias explicativas para o acontecimento (abalos sísmicos, sismos ou terremotos).<sup>3</sup> Esses recebem a denominação de sismos induzidos, tendo em vista que são provocados ou potencializados pela ação humana.<sup>4</sup>

Ações humanas que, em muito, podem ser vinculadas *ao* ou exacerbadas pelo modo de vida ocidental moderno, cujo principal objetivo é o desenvolvimento, e isso se dá eminentemente ligado ao mercado e à capacidade de apropriação e dominação, inclusive da natureza e de seus processos que são interrompidos, alterados e/ou acelerados.

Assim, ações tais como a construção de barragens e o decorrente e elevado volume de água que guarda, e com isso a pressão exercida sobre o solo, provocam instabilidade interior; ainda: no que diz respeito à água, à extração de água dos respectivos aquíferos através da provocação de diferença de pressão.<sup>5</sup>

Acrescente-se a isso, a extração de minerais, como o quartzo ou a mica, dos quais se obtém o silício, um dos minerais utilizados pela indústria eletrônica (para citar apenas uma propriedade de utilização) a qual impulsiona a modernidade e produz os sonhos de consumo; e/ou também combustíveis fósseis (hidrocarbonetos) que, crê-se, não seria em demasia vincular primordialmente (ainda que negligenciando propriedades técnico-químicas) ao petróleo, gás natural, plástico e carvão, que oferecem grandes riscos, tendo em vista produzirem calor e energia que movimentam as economias, além de se formarem sob alta pressão no interior da Terra, além do fato de produzirem intensamente gás carbônico (CO<sub>2</sub>).<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> Saliente-se que tais respostas foram possíveis pós uma singela (muito singela mesmo e com a vênica de especialistas das áreas química e geográfica por alguma [s] impropriedade [s]).

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.discoverybrasil.com/web/terremotos/oquesabemos/hombre/>>.

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://viajearqui.abril.com.br/national-geographic/edicao-121/reciclagem-agua-542216.shtml>>.

<sup>6</sup> Notícia do *Greenpeace* sobre o tema: disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Blog/sujeira-pra-baixo-do-tapete/blog/33352>>.

Não precisaria alongar a construção textual para visualizar a proximidade que essas substâncias têm com o dia a dia das sociedades modernas da descartabilidade de seus bens e da elevada velocidade com que exigem que se viva para não perder o passo da evolução ou o sucesso.

Outro fator que contribui é o processo de depósito de resíduos no solo, o que, por sua vez, não se pode sequer qualificar como sendo uma constante, pois a melhor qualificação seria crescente, já que, muito provavelmente, o lixo seja o que mais a modernidade tem produzido, e seu processo de descarte, em geral, se dá através do soterramento desses resíduos.

Ademais, outra ação humana e construção moderna que não poderia deixar de ser citada como sendo um dos possíveis causadores e amplificadores do potencial destrutivo dos terremotos, são as bombas de fusão e fissão nuclear, que têm sido uma constante ameaça desde a Segunda Guerra Mundial, quando foi utilizado tal meio bélico, e ainda, os testes de tais armas e forma de energia que tem se intensificado e sido noticiados esporadicamente.

Uma sociedade que tem se utilizado comumente de meios intimidatórios e que possuem um grande potencial persuasivo na política internacional, mantém a dinâmica internacional e o poder de gestão dentro de um círculo detentor de poder bélico, que inclui o desenvolvimento dessa tecnologia e a domesticação da energia que está pronta para, a qualquer momento, demonstrar a sua voracidade. Juntamente a isso, provoca danos ambientais irreparáveis, ou acumula uma herança de agressões, principalmente através do impacto ocorrido no momento de detonação, sem descartar outros impactos decorrentes das ondas de radiação que se sucedem.

Por fim, necessário ainda é apontar a existência de substâncias e elementos favorecedores de abalos nos componentes químicos: hélio, metano, hidrogênio e hidrocarbonetos, dos quais se pretende apresentar algumas aplicabilidades, a fim de demonstrar a sua integração ao modo de vida moderno e as suas consequências.

Além dos hidrocarbonetos já comentados, vale mencionar a aplicabilidade do metano, que é obtido através da (entre outras formas) decomposição de matéria orgânica – vê-se novamente que o lixo pode contribuir de duas formas para a produção de abalos: na armazenagem (soterramento) e no processo de formação de gases decorrentes de sua

decomposição. Em uma sociedade como a brasileira em que se produz, em média, 1 quilo de lixo por pessoa<sup>7</sup> (nos grandes centros urbanos), e ainda, estima-se que 60% do total do lixo produzido seja orgânico.

Assim, esse é um dos hábitos que poderão ser desastrosos (e já se tem sentido os efeitos do paradigma moderno de viver), bem como a extração de combustível mineral – já referido, como sendo o componente que movimenta e fornece energia à velocidade da vida moderna sob a forma de gás de cozinha, gasolina, óleo dieses, etc.

Convém citar, para encerrar esta abordagem descritiva, o nitrogênio, que tem como principais aplicabilidades (para este trabalho) o processo de adubação (nitrogenada), o qual é sintetizado laboratorialmente para obter maior concentração e eficiência (muito embora seja um processo extremamente caro), mantendo a sua capacidade tóxica e, com isso, poluidora. É por essa via que o nitrogênio chega ao solo.<sup>8</sup> Ademais, é utilizado na fabricação de componentes eletrônicos, bem como na de explosivos e foguetes.

Nesse sentido, assevera Bauman:

Com certeza há uma ou duas omissões maliciosas na expressão da novíngua *baixas colaterais* ou *danos colaterais*. O que foi omitido de modo astucioso é o fato de que as baixas colaterais ou não, foram efeito da forma como se planejou e executou a explosão, já que os que a planejaram e executaram não se importaram particularmente com a possibilidade de os danos ultrapassarem os limites presumidos do alvo propriamente dito, atingindo a área cinzenta (já que a mantiveram fora de seu foco), dos efeitos colaterais e das consequências imprevistas. Pode também haver uma meia-verdade, se não uma completa mentira: da perspectiva do objetivo declarado da ação, algumas das vítimas podem de fato ser classificadas como colaterais. (2008b, p. 151).

---

<sup>7</sup> Dados retirados de WWF Brasil. Disponível em: <[http://www.wwf.org.br/wwf\\_brasil/pegada\\_ecologica/estilo\\_vida/](http://www.wwf.org.br/wwf_brasil/pegada_ecologica/estilo_vida/)>. Acesso em: 25 ago. 2010.

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://www.inovacaotecnologica.com.br/noticias/noticia.php?artigo=010125070215>>. Acesso em: 25 ago. 2010.

Demonstra-se, novamente, que a tecnologia (tão festejada) é a maior vilã que dificultará a vida na Terra, ao menos nessa intensidade e com os ímpetos desenvolvimentista e tecnológico.<sup>9</sup>

Esta análise de cunho mais técnico, ainda que sem grande especificidade e/ou fôlego teórico, apresenta uma fundamentação e justificação mais palatável aos eventos que vêm se sucedendo com frequência cada vez maior e com intensidade crescente.

Entretanto, pretende-se fazer uma abordagem avaliativa acerca do fato de que, após cada evento, assiste-se a movimentos governamentais ou civis, em geral capitaneados por alguma personalidade do entretenimento (música, cinema ou esporte), que procuram amenizar a situação dos indivíduos. Enquanto se contam os mortos e desabrigados, se faz a contabilidade dos prejuízos econômicos, são angariados donativos para contribuir com as regiões afetadas e afagar com paliativos econômicos as dores e perdas pessoais.

É a partir dessa dinâmica que se produz a remediação das catástrofes ambientais, obviamente sem descurar e repensar as causas que têm se intensificado, e desses acontecimentos, variando em modalidade e intensidade no Globo, e obviamente produzindo efeitos destrutivos mais duradouros naqueles lugares em que sequer há estrutura humana e material bem-montada, como é o caso do Haiti. Deixaram lá um rastro de crianças órfãs, restos de hospitais lotados e pessoas brigando por alimento e água.

Tais imagens, veiculadas mundialmente, produzem uma comoção geral, como não poderia deixar de ser, ocasionando uma comunhão de esforços hegemônicos no sentido de tentar ajudar, de forma mínima, os restos humanos que a eles resistem.

Não se pretende desconsiderar de todo a importância dessa ajuda, que se denomina *humanitária*; apenas se gostaria de apontar para duas características fundamentais desses atos oriundos da conjunção de esforços globais e hegemônicos: a capacidade de esquecer com a mesma velocidade com que se comoveu e a capacidade de ajudar/irrefletir e achar que sua tarefa está cumprida, que mudou a vida daqueles indivíduos e seguir vivendo a sua consumo-vida.

---

<sup>9</sup> Informações de caráter mais técnico foram obtidos em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/terremotos/terremotos.php>

A primeira característica apresentada diz respeito ao modo de vida líquido-moderno e à sua imanente fragmentação e desvinculação. Esse pressuposto básico da liberdade moderna, significa não precisar de ninguém (ou pelo menos que se pense assim), e também acreditar que os indivíduos não precisam dele. Em suma, a destruição dos laços humanos.

Todavia, o indivíduo não perde seus traços de humanidade, o que vem à tona quando entra em contato com materiais tocantes que são produzidos (editorialmente para este fim), sendo conduzido na comoção e na disseminação passiva de tal condição. “Tal fato faz com que o indivíduo engaje-se em campanhas [...] com o fim de amenizar os efeitos citados. Ao passo que não tem o condão de se impregnar no indivíduo, ou fazer com que ele se sinta parte dela”. Retomando novamente outra característica da modernidade, a fluidez do mundo moderno e também de seus efeitos, fará com que novos eventos clamem por novos processos mediadores e que ele será novamente conclamado/comovido a contribuir/comprar a sua redenção liberal.

E isso sem sequer saber se a sua contribuição efetivamente foi revertida em prol dos afetados, tendo em vista o sentimento de dever cumprido. Esta é a contribuição de Bauman:

Onde está a fronteira entre o direito à felicidade pessoal e a um novo amor, por um lado, e o egoísmo irresponsável que desintegraria a família e talvez prejudicasse os filhos, de outro? Em última instância, essa atração está em estabelecer o atar e desatar vínculos humanos como ações moralmente *adiafóricas* (indiferentes, neutras), que portanto, livram os atores da responsabilidade que o amor, para o bem ou para o mal, promete e luta para construir e preservar. A criação de um relacionamento bom e duradouro, em total oposição à busca de prazer por meio de objetos de consumo, exige um esforço enorme – um aspecto que a relação pura nega de forma enfática em nome de alguns outros valores, entre os quais não figura a responsabilidade pelo outro, fundamental em termos éticos. (2008a, p. 32-33).

Os fatos ocorrem, as pessoas morrem juntamente com as esperanças, a ajuda aparece tão rápida quanto vai embora, e as pessoas ficam lamentando suas perdas materiais e pessoais, quando vivem para contar a história. Tal situação/condição foi muito noticiada um ano após a

ocorrência,<sup>10</sup> talvez para recrutar nova onda de comoção: entretanto, muitas coisas já aconteceram depois e são problemas ainda mais pulsantes, comoventes, e um ótimo tributo à vida ocidental.

A segunda característica, como a primeira, se vincula à necessidade de redenção e cumprimento de sua tarefa individual de humanização, que a própria modernidade ocidental impõe, a fim de justificar o seu período (espaço/tempo) evolutivo. Diz respeito à capacidade dos indivíduos de se desfazerem daquele fardo ético-moral da necessidade de *ajudar* desamparados e sobreviventes. E, assim, o fazem sem qualquer exercício reflexivo ou apropriação do que estão participando, de sua significação, forma de atuação, nem de seus efeitos reais.

É verdadeiramente um ato isolado e egoísta de preservação pessoal ante os imperativos modernos e ocidentais humanitários; além de ser permeado de uma pretensão messiânica salvacionista, creem fielmente que estão contribuindo para a modificação daquela condição de sobre(morto)vivente, ainda que estejam, por essa via, legitimando e reforçando o sistema que produz e intensifica as condições necessárias para que, no mês seguinte, quando sua conta bancária tenha recebido novo fôlego, seja intimado a contribuir vítimas comoventes da mais nova catástrofe humano-natural e suas.

Nesse viés segundo Bauman,

Levinas diz que o Estado liberal – aquele fundamentado no princípio dos direitos humanos – é a implementação e a manifestação conspícua dessa contradição. Sua função não é nada mais do que “liminar a misericórdia original da qual a justiça se originou [...]. A justiça no Estado liberal nunca é definitiva”. “A justiça é despertada pela caridade – caridade da maneira como é antes da justiça, mas também depois dela.” “A preocupação com os direitos humanos não é função do Estado. É uma instituição não-estatal dentro do Estado – um apelo à humanidade que o Estado ainda não levou a cabo.” A preocupação com os direitos humanos é um apelo ao “excedente de caridade”. Podemos dizer: para algo maior que qualquer letra da lei, do que qualquer coisa que o Estado tenha feito até agora. (2008 a, p. 226-227).

---

<sup>10</sup> Vide, por exemplo, a reportagem de *El País*. Disponível em: <[http://www.elpais.com/articulo/internacional/800000/personas/siguen/desplazadas/Haiti/ano/terremoto/elpeuint/20110111elpeuint\\_9/Tes](http://www.elpais.com/articulo/internacional/800000/personas/siguen/desplazadas/Haiti/ano/terremoto/elpeuint/20110111elpeuint_9/Tes)>. Acesso em: 25 ago. 2010.



Seguindo ainda na esteira de Levinas, citado por Bauman tem-se:

O espaço de que consumidores líquido-modernos necessitam, e que são aconselhados de todos os lados a obter e a defender com unhas e dentes, só pode ser conquistado se expulsando outros seres humanos – em particular os tipos de indivíduos que se preocupam e/ou podem precisar da preocupação dos outros [...]. É exatamente como Emmanuel Levinas vislumbrou ao refletir que, em vez de ser um dispositivo destinado a tornar acessível o convívio humano pacífico e amigável a egoístas natos, a sociedade pode ser um estratagema para tornar acessível a seres humanos endemicamente morais uma vida autocentrada, auto-referencial e egoísta – embora cortando, neutralizando ou silenciando aquela assustadora responsabilidade pelo Outro que nasce cada vez que a face desse Outro aparece; uma responsabilidade de fato inseparável do convívio humano. (2008b, p. 68).

Esse é o paradigma de sociabilidade que se qualifica de moderno e humanitário, e mais: seria esse momento o ápice que a razão humana poderia produzir, sendo o cume de um processo societário. Seria, para alguns autores, o fim da história?

### **Ou seria irreversível?**

A partir desse ponto do trabalho, se busca analisar formas de tratamento alternativas ao paradigma da modernidade, alternativa que parte dos próprios envolvidos na trama global de acumulação destrutiva, sempre na posição de desprivilegiados e submetidos ao modo *business* de viver e ser consumido, residindo na tarefa urgente de construção de uma alternativa de sociabilidade com a capacidade humana de se interconectar às narrativas e aos sofrimentos silenciosos.

Nessa linha, busca-se uma alteração no mapa cognitivo da modernidade do *ser-para* ao *ser-com*, propondo a refundação do público e da comunhão de indivíduos e experiências, a partir de uma ideia de sustentabilidade e respeito para com o meio ambiente circundante. Como assevera Bauman,

agora é uma questão entre a minha vida e a vida dos muitos. A sobrevivência dos muitos e a minha própria sendo duas sobrevivências diferentes. Posso ter me transformado num *indivíduo*, mas o Outro certamente perdeu o direito à sua individualidade, agora dissolvida num estereótipo categórico. Meu ser-para foi desse modo dividido em tarefas potencialmente conflitantes: a da autopreservação e a da preservação do grupo. (2008a, p. 224).

Assim, “quando essas atuais e enormes forças subjetivas emergiram da colonização e alcançaram a modernidade, eles reconheceram que a principal tarefa não é entrar, mas sair da modernidade”. (NEGRI; HARDT, 2006, p. 272). Tal tarefa está a cargo da multidão de indivíduos que são ao mesmo tempo combustível e lixo do capital e da modernidade ocidental, tendo em vista que são praticamente sinônimos.

Pretende-se pontuar duas questões que podem contribuir para uma revolução paradigmática da sociedade e da cultura, apta a produzir uma sociabilidade baseada no respeito às diferenças e a partir de uma ideia de sustentabilidade. A primeira delas diz respeito à formação e à composição desse corpo humano e sociocultural que pode produzir tal reviravolta societária.

Nesse norte, são de grande contribuição os escritos de Antônio Negri e Michael Hardt (2005b) quando tratam da multidão, entendida para além de uma simples reunião de pessoas, mas um conceito representativo de um grupo, ao mesmo tempo coeso, heterogêneo e comunicativo. Assim, vale a apresentação do conceito de multidão, a partir dos próprios autores:

Spinoza nos dá uma ideia inicial de como poderia ser a anatomia de um corpo assim. “O corpo humano”, escreve ele, “é composto de muitos indivíduos de naturezas diferentes, cada um dos quais é altamente heterogêneo” – e no entanto essa multidão de multidões é capaz de agir em comum como um corpo único. Seja com for, ainda que a multidão forme um corpo, continuará sempre e necessariamente a ser uma composição plural, e nunca se tornará um todo unitário dividido por órgãos hierárquicos. (NEGRI; HARDT, 2005b, p. 248).

A partir disso, importante é ressaltar duas características desse corpo que são de extrema importância: a primeira, a *produção do comum*, diz respeito à refundação do espaço público de diálogo e aproximação, repovoando-o com questões que dizem respeito, que interessem e afetem todos; ou seja, as faces da dominação, da exploração, e no que interessa ao presente trabalho, o processo humano-natural destrutivo. Rompendo com a lógica da naturalidade de tais acontecimentos e situações, traz-se a mesma à pauta de discussão, principalmente transformando-a em objeto de luta. Saliente-se ainda que o comum é que “funcione não com base em semelhanças, mas nas diferenças: uma comunicação de singularidades” (NEGRI; HARDT, 2006, p. 76), unidas através da igualdade de condição de dominados e das diferenças em suas pautas reivindicativas.

E a segunda, a *comunicação*, tendo em vista que “este é certamente um dos absurdos políticos centrais e mais urgentes da presente época: em nossa muito celebrada era da comunicação, as lutas se tornaram quase incomunicáveis” (NEGRI; HARDT, 2006, p. 73), devendo o rompimento de tal silêncio e incomunicabilidade ser primordial na luta contra o paradigma de dominação e destruição moderno. Já que a difusão e a naturalidade com que se propaga o sistema imperial, o ataque isolado é facilmente neutralizado e servirá de mau exemplo aos demais. Frise-se, ainda, que, muito provavelmente, o potencial comunicativo propiciado pela modernidade seja o principal legado de seu avanço e conquista, tendo em vista possibilitar o intercâmbio das lutas contra o próprio sistema.

Quando se estruturam os corpos em volta do comum (necessidades), e ainda, interconectados (comunicados), forma-se um corpo difuso e apto a combater o paradigma ontologizado do capital fundado a partir da fragmentação social. Nesse sentido, Negri e Hardt asseveram:

Em termos conceituais, a multidão substitui a dupla contraditória identidade-diferença pela dupla complementar partilha-singularidade. Na prática, a multidão fornece um modelo pelo qual nossas expressões de singularidade não são reduzidas ou diminuídas em nossa comunicação e colaboração com outros na luta, com o resultado de que formamos hábitos, práticas, condutas e desejos comuns cada vez maiores – em suma, com a mobilização e a extensão globais do comum. (2005b, p. 282).

Passa-se, então, ao segundo apontamento, que aborda a dinâmica e as estratégias dessa luta anti-imperial. Para essa tarefa são de grande contribuição os escritos de Boaventura de Sousa Santos (2010), quando escreve sobre refundação do Estado na América Latina. Entretanto, se acredita que poderia ser plenamente aplicável à nova subjetividade a ser criada pela e através da multidão. Nesse passo, as estratégias passariam por três inversões cognitivas: a primeira delas, *desmercantilizar*, que significa, resumidamente, o processo de desfazimento da naturalidade do capitalismo e da capitalização das relações sociais, políticas e culturais. Significa, desse modo, redesenhar o mapa cognitivo voltado aos valores éticos que foram subtraídos dos indivíduos na sociedade de mercado, que se sedimentou a partir de uma sociabilidade quantificada em cifras e índices de desenvolvimento quantitativo. Assim, “significa, además, dar credibilidad a nuevos conceptos de fertilidad de la tierra y de productividad a los hombres y de las mujeres que no colisionan con los ciclos vitales de la madre tierra”. (SANTOS, 2010, p. 130).

A segunda, *democratizar*, que diz respeito ao processo de encontro, diálogo e refundação da POLÍTICA (esta não só com P maiúsculo, mas em letras garrafais), que pretende a subversão do paradigma democrático-liberal-ocidental, que se pauta por relações hierarquizadas e verticalizadas. Um modelo democrático de fazer democracia, desenvolvendo-a na prática e não através de garantias legais imperativas. Com isso, pode-se e se deve ir “más allá del restringido campo político-liberal que transforma la democracia política en la isla democrática en un archipiélago de despotismos: la fábrica, la familia, la calle, la religión, la comunidad, los *mass media*, los saberes, etc.” (SANTOS, 2010, p. 130).

E por último, *descolonizar*, que diz respeito ao processo e, talvez por isso, seja a última das estratégias: desfazer a cognição moderno-liberal pautada a partir de relações maniqueístas de desenvolvimento e subdesenvolvimento, condição inferiorizante, subalternizante e patologizante que torna tudo e todos passíveis de intervenção *humanitária* dos países, indivíduos, poderes e saberes hegemônicos, fazendo-se, assim, uma dinâmica perpetuadora de tal condição.

Nessa linha de proposição e de acontecimentos, vale trazer a postura do governo equatoriano no que diz respeito à questão da exploração de petróleo, segundo Boaventura de Sousa Santos (2010), talvez seja uma das mais audaciosas medidas no que diz respeito ao meio ambiente moderno.

O Equador possui, no interior de suas fronteiras, um dos maiores reservatórios de petróleo do Planeta situado no Parque Nacional Amazônico Yasuní, e se calcula que possa produzir 850 milhões de barris de petróleo. (SANTOS, 2010).

Dessa feita, sendo um país subdesenvolvido (sob a lógica do capital moderno), ao invés de vender certificados de carbono, para que países desenvolvidos possam poluir e degradar além da própria conta e à custa dos países subdesenvolvidos, o governo do Equador elaborou e apresentou uma medida, na qual, não explora e, portanto não exporta (reserva) o petróleo que possui, e os países desenvolvidos e interessados o reembolsam com a metade do valor que o governo ganharia com a exportação do petróleo extraído.

Dessa forma, o Equador está sendo remunerado para não explorar as suas reservas (se calcula cerca de 2 trilhões de euros), preservar o meio ambiente, o que se justifica pelos efeitos da exploração citados acima, e ainda assume o compromisso de que a remuneração seja reinvestida em formas de energia limpa, reflorestamento, etc.

Tal postura tem origem na forte influência indígena na postura e inteligibilidade públicas equatorianas atuais, o que tem produzido posicionamentos tensionantes diante do paradigma ocidental, tendo em vista as pautas ética e comunitária. Nesse contexto, para Santos,

al contrario, desde la visión indígena, la sociedad es una sola, la economía es una sola y la lógica política es igualmente una sola. Para los indígenas, la cultura es todo y por eso el diálogo intercultural no es imaginable si no se respeta la diversidad en lo que la cultura eurocéntrica llama lo económico (la vida) y lo político (el control del territorio). (2010, p. 123).

Com isso, se propõe que essa luta possa sedimentar um paradigma de sociabilidade heterogêneo no qual todos os povos e qualquer cultura, conscientes de si, e cada indivíduo permeado por esse sentimento, tenham a mesma capacidade e a mesma responsabilidade pela própria sobrevivência e pela dos outros, assim como a do meio ambiente e da historicidade cultural. Todas as complexas sociedades ou grupos são (ou deveriam ser) autônomos e ao mesmo tempo interdependentes.

Para isso, ou seja, para que todos possam se desenvolver é necessário que haja esse intercâmbio e inter-relacionamento multicultural de corresponsabilidade.

## Considerações finais

As considerações finais são no sentido de avaliar que, enquanto se desenvolviam essas reflexões que tiveram início logo após os fatos ocorridos em janeiro de 2010 (Haiti e Chile), passado aproximadamente um ano (período por que se prolongou),<sup>11</sup> os veículos midiáticos começavam a denunciar o fracasso das ações humanitárias direcionadas ao Haiti, perfazendo, dessa feita, as hipóteses iniciais com que se trabalhava. Primeiro, a fugacidade e fragilidade do paradigma ocidental de sociabilidade e corresponsabilização e de suas ações tópicas e paliativas. Isso deixou claro o sofrimento silencioso e insolúvel (pelos menos nesses moldes e a curto prazo) desses contingentes de seres sub-humanos.

E, ainda, em segundo lugar, a hipótese de que os eventos que têm ocorrido não são total e somente naturais, e sim, o resultado de processos humano-naturais destrutivos vinculados ao paradigma moderno de viver e fazer política social e econômica.

Nesse sentido, enquanto se conclui este trabalho, está sendo divulgado o resultado de uma pesquisa científica na revista *Nature*<sup>12</sup> e veiculado no Brasil através do sítio oficial do *Greenpeace*, que trabalha a influência humana nas chuvas torrenciais que têm sido recorrentes, assim como os seus resultados, sempre ampliados.<sup>13</sup>

Assim, se faz uma exaltação à capacidade humana de rebelar-se, indignar-se, de lutar, de irromper com o real da modernidade burguesa e capitalista e produzir um paradigma de sociabilidade calcado no diálogo e

---

<sup>11</sup> Saliente-se que enquanto se desenvolvia o trabalho, ocorreram chuvas que assolaram o Estado do Rio de Janeiro no mês de janeiro de 2011, coincidentemente, quando completam um ano os fatos narrados na introdução. Eventos decorrentes de chuvas torrenciais e dos quais resultaram mais de 700 mortos (isso sem contar as perdas materiais), em três cidades da região serrana do referido estado (Petrópolis, Teresópolis e Nova Friburgo). Esses acontecimentos contam com diversas explicações científicas da meteorologia e de setores da geografia, assim como também foram seguidas diversas campanhas humanitárias impensadas, tal qual o caso do Haiti e do Chile.

<sup>12</sup> Sítio da revista *Nature*. Disponível em: <<http://www.nature.com/nature/journal/v470/n7334/full/nature09763.html>>. Acesso em: 25 ago. 2010.

<sup>13</sup> Vide a reportagem na íntegra. Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Blog/vem-chuva-grossa-a/blog/33385>>. Acesso em: 25 ago. 2010.

na comunhão de seres e saberes de forma permanente, duradoura e a partir de uma constante *práxis* reflexiva.

Por derradeiro, impende destacar a necessidade de um processo de tomada de consciência, resultando em uma *práxis* reflexiva, e que seja essa comunicada e reproduzida, ou seja, baseada na capacidade humana de fazer eco a uma produção social emancipatória.

Este trabalho não objetivou apresentar respostas prontas, mas apenas apontar que o diálogo, a luta, a pluralidade e a democracia construídas na prática podem contribuir com uma cultura e sociabilidade produzida e conduzida infinitamente como processos abertos de emancipação individual e coletiva, social e política, econômica e sustentável.

## Referências

---

BAUMAN, Zygmunt. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008a.

\_\_\_\_\_. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008 b.

\_\_\_\_\_. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. *Em busca da política*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

\_\_\_\_\_. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

NEGRI, Antonio; COCCO, Giuseppe. *Glob(AL): biopoder e luta em uma América Latina globalizada*. Rio de Janeiro: Record, 2005a.

NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. *Império*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2006.

\_\_\_\_\_. *Multidão: guerra e democracia na era do Império*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Editora Record, 2005b.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Gramática do tempo*: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006. (Coleção para um Novo Senso Comum: a Ciência, o Direito e a Política na Transição Paradigmática, 4).

\_\_\_\_\_. *A crítica da razão indolente*: contra o desperdício da experiência. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000. (Coleção para um Novo Senso Comum: a Ciência, o Direito e a Política na Transição Paradigmática, 1).

\_\_\_\_\_. *Refundación del Estado en América Latina*: perspectivas desde una epistemología del Sur. Lima; Peru: Instituto Internacional de Derecho y Sociedad, 2010.

\_\_\_\_\_. Poderá ser o Direito emancipatório? *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 65, p. 3-76, 2003.

TOURAINÉ, Alain. *Um novo paradigma*: para compreender o mundo de hoje. Petrópolis: Vozes, 2007.